

Lendo e compartilhando: práticas inclusivas de formação de leitores

Reading and sharing: inclusive ways to form readers

Marcela Afonso Fernandez

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

mar.afonsofernandez@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-9101-7518>

Bianca Dias de Souza

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

bidiasds@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7720-7227>

RESUMO

Este artigo objetiva compartilhar os principais achados e reflexões decorrentes de uma pesquisa de extensão articulada a uma pesquisa acadêmica. O objetivo que as norteia é investigar alguns modos de ser leitor e tecer a leitura produzindo sentidos, forjados pelos estudantes de uma universidade pública, especialmente os oriundos do Curso de Pedagogia. Tendo como referência, sobretudo, os estudos desenvolvidos por KRAMER (2000), YUNES (2009, 2012), BENJAMIN (2012), FREIRE (1996, 2000, 2013), LAJOLO (2000) e CHARTIER (1999), e utilizando como desenho metodológico investigações de caráter qualitativo, as pesquisas usaram como instrumentos de coleta de dados observações e registros da experiência dos participantes. Assim, por meio da estratégia círculo de leitura literária foi produzido um corpo de conhecimentos sobre as diversas concepções e práticas de leitura. Nesse artigo, são apresentados alguns achados obtidos a partir da realização desses círculos, tomando por base a articulação entre o referencial teórico focalizado e alguns depoimentos colhidos dos leitores participantes da experiência. Os estudantes investigados demonstraram uma notável capacidade nas maneiras de ler e compartilhar sentidos nos círculos realizados de acordo com seus conhecimentos prévios, necessidades e interesses, revelando a importância da leitura literária para a emancipação humana e a construção da cidadania. Um enfoque ampliado e inclusivo que relaciona leitor, leitura, literatura e contexto parece brotar da dinamicidade desse processo.

Palavras-chave: Formação de estudantes-leitores. Círculos de leitura. Leitor. Literatura.

ABSTRACT

This article aims to share the main findings and reflections arising from an extension research articulated to an academic research. The purpose surround it is to investigate some ways of being reader and producing senses from it, forged by students of a public university, especially those from the Pedagogy Course. Having as reference, mainly, the studies developed by KRAMER (2000), YUNES (2009, 2012), BENJAMIN (2012), FREIRE (2000, 2001, 2013), LAJOLO (2000) and CHARTIER (1999), and using as methodology qualitative study, the researches used as data gathering instruments observations and records of participants' experience. Therefore, by the literary reading circle strategy, it was produced a body of knowledge about a variety of conceptions and practice of reading. In this article, are presented some findings collected from the realization of these circles, considering the articulation between the focused theoretical referential and some testimonies gathered from the readers, participants of the experience. The investigated students showed a remarkable capacity in how to read and share its senses in the circles organized according to their previous knowledges, needs and interests, releasing the importance of literary reading to human emancipation and citizenship building. An amplified and inclusive approach that relates reader, reading, literature and context seems to rise form the dynamism of this process.

Keywords: Formation of student-readers. Reading circles. Reader. Literature.

Introdução

Concebemos a leitura como um processo plural. Articula-se com esse trabalho a concepção ampla de leitura como criação de sentidos para um texto em um determinado suporte (CHARTIER, 1999). Concepção válida não apenas para a leitura da linguagem verbal, mas de todas as linguagens. Assim, lemos o dito e o não dito, lemos imagens fixas, animadas e lemos textos, lemos a *palavramundo* (FREIRE, 2000). Ler é eleger uma textualidade e dar sentido a ela. Desse modo, pensamos na leitura como um exercício permanente do homem em sociedade, marcado pela “apropriação, invenção e produção de significados” (CHARTIER, 1999, p.77).

Compreendemos que o ato de ler tem o potencial de se transformar em uma experiência capaz de ampliar o raio de ação e de reflexão do sujeito-leitor, levando-o de maneira mediata ou mediadora, para além do tempo imediato, articulando o antes e o depois, pensando sobre a história da qual faz parte e sentindo-se capaz de alterá-la (KRAMER, 2000). Nessa experiência, que começa na interação com o texto literário, a leitura é tecida por um leitor ativo, que deixa de ser um mero decodificador do objeto lido e passa a atribuir sentido a textualidade multifacetada em um dado contexto.

Dentre as experiências de leitura mobilizadoras “de se pensar pensando o mundo” (YUNES, 2002) destacamos o modo de ler compartilhado, marcado pela força do narrar oral e da escuta sensível, experiência solidária herdada dos povos da antiguidade que

inventaram a escrita com as suas primeiras histórias. As experiências de partilha denominadas círculo de leitura literária se tornaram esquecidas e abolidas nos diversos espaços públicos – centros culturais, museus, condomínios, fábricas. Entretanto, nos espaços em que experiências interativas como estas foram estimuladas, disseminou-se o papel transformador da vida, pelo ato de tomar a palavra e transfigurá-la.

É com base na escuta sensível para desautomatizar o olhar, aliada ao ato de aceitar e acolher a palavra do outro, incluindo-o, que se constitui um dos modos preciosos de ler, abrir significados e reverberá-los, independente de toda a complexidade dessa ação e da possibilidade de encontrarmos consonâncias ou dissonâncias de sentidos naquilo que ouvimos e socializamos. Nesse sentido, Kramer (2000, p. 110) enfatiza:

Não creio que entender a leitura e a escrita como experiência seja saída ou solução definitiva para nada. Nem me parece que essa concepção exclua as demais. Apenas penso que pode ser formadora, ou seja, pode contribuir no processo de constituição de sujeitos sociais que tenham valores e modos de agir que hoje parecem fora de moda.

No círculo de leitura literária o percurso de amadurecimento de interpretações pelo leitor se dá por meio do diálogo. A tarefa de mediação cabe ao leitor-guia, sujeito que, com base em sua intimidade com o texto, encarrega-se de narrar oralmente, mobilizar, organizar e estimular o debate e ainda costurar as falas apresentadas pelos componentes da experiência de leitura, cuidando para que a sua não prevaleça sobre as demais. Nesse processo de escolha, todo texto decorrente dos interesses do grupo pode incrementar o envolvimento e o debate. Delineado nesse cenário, o círculo de leitura permite o uso e a apropriação crítica e criativa do texto literário. Evidencia-se nesse caso a abertura da obra, que demonstra suportar múltiplos olhares e vozes.

Paralela a experiência de diálogo e tessitura de silêncios e palavras, sentidos e apropriações forjadas coletivamente, a leitura compartilhada também possibilita que o leitor, sujeito ativo, vá à procura de uma fresta no texto literário pela qual possa entrar e construir uma realidade de sentidos singular, imprimindo sua marca na argila do vaso (BENJAMIN, 2012).

Nesse artigo, pretendemos compartilhar algumas reflexões e achados decorrentes de uma pesquisa de extensão articulada a uma pesquisa acadêmica que tem como foco principal a experiência denominada círculo de leitura literária, prática de formação de leitores desenvolvida em uma universidade pública federal do Rio de Janeiro desde o ano de 2014. O objetivo dessas pesquisas é investigar alguns modos de ser leitor e tecer a leitura

literária produzindo sentidos, forjados pelos estudantes, especialmente os oriundos do Curso de Pedagogia.

Constatamos em nossas observações no âmbito da universidade que nem sempre os estudantes possuem contato com obras literárias em sua vida cotidiana, o que dificulta bastante a experiência de leitura e construção de sentidos nestes ambientes formativos. Pois, o gostar de ler nasce em virtude daquele que lê uma história e pelas trocas sociais / coletivas tecidas no cotidiano. Como as rodas e cirandas foram essenciais para a troca de saberes e a união entre os nossos antepassados, acreditamos que a proposta do círculo de leitura literária, que remete a tradição, pode igualmente gerar sentidos motivadores, humanizados e interativos para o processo de leitura. Nesse sentido, “precisamos aprender a valorizar a narrativa, a leitura e a escrita para ler com as crianças e jovens, para escrever a história pessoal, registrar a história coletiva, nos formarmos, lembrando que tudo isso exige trabalho coletivo” (KRAMER, 2000, p. 117).

Tecendo a experiência do Ler e Compartilhar

Na realidade contemporânea, com os círculos de leitura literária, distintas comunidades de leitores são formadas (CHARTIER,1999), proporcionando aos seus participantes uma ampliação do horizonte interpretativo da leitura individual através do compartilhamento dos sentidos tecidos em grupo. O caráter formativo dessas comunidades de leitores aproxima-se da experiência de conscientização denominada Círculo de Cultura, desenvolvida por Paulo Freire.

A única maneira de ajudar o homem a realizar sua vocação ontológica, a inserir-se na construção da sociedade e na direção da mudança social, é substituir esta captação principalmente mágica da realidade por uma captação mais e mais crítica. Como chegar a isto? Utilizando um método ativo de educação, um método de diálogo – crítico e que convida à crítica. (FREIRE, 2001, p. 60)

Geralmente, o círculo de leitura literária, prática solidária e generosa, visa acolher pessoas com histórias de vida distintas. Essa prática é desenvolvida em encontros informais por um mediador, o leitor-guia, com a finalidade de criar teias interpretativas a partir dos diálogos espontâneos entre os participantes. O tempo é variável e o local é acolhedor, longe de possíveis movimentações e ruídos, onde todos os participantes ficam sentados na mesma distância, dispostos em roda. Desta forma, ninguém prevalece sobre os demais.

Razão há (e muita!) para essa re-tomada de uma prática de dança, de canto, de troca, de conto, para a pedagogia da leitura concebida como passível de fruição. Ler em círculo é não se deixar andar (falar) em círculos. É abrir-se para as leituras dos outros enquanto lhes facultamos as nossas. Daí para o diálogo que faz crescerem leitores é um passo... um passo para dentro da leitura. (YUNES, 2009, p. 79).

Observamos que no espaço escolar e universitário, as leituras literárias por vezes costumam ser realizadas individualmente e mecanicamente, em tempo mínimo e determinado previamente pelo professor para atender as demandas curriculares. “[...] O desencontro literatura-jovens que explode na escola parece mero sintoma de um desencontro maior, que nós – professores – também vivemos. Os alunos não leem, nem nós; os alunos escrevem mal e nós também” (LAJOLO, 2000, p. 16).

Tanto o projeto de extensão, iniciado em 2014, como uma pesquisa monográfica, desenvolvida em 2016, são desdobramentos de uma pesquisa acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia de uma universidade pública. Ambas se propõem a investigar a prática de leitura compartilhada com textos literários (contos, crônicas, poesias, romances) realizada pelos estudantes universitários, visando o estímulo a imaginação, a ampliação dos sentidos e a construção de repertórios, de forma criativa e crítica.

O público-alvo que participa dos círculos de leitura literária é constituído por estudantes, a comunidade acadêmica e o público em geral que frequenta a universidade (escritores, contadores de histórias, pesquisadores e leitores interessados pela literatura). Sendo assim, o perfil dos leitores varia e é sempre renovado por novos participantes¹, o que torna plural e enriquecedora a experiência de leitura e construção de sentidos.

A partir de uma ação autogestionada, cada participante do círculo pode tornar-se leitor-guia, motivado pelo seu interesse, assumindo o papel de responsável por selecionar os textos literários de sua preferência e realizar as leituras de forma solidária e interativa.

O trabalho de um leitor-guia é fazer luz sobre as cenas de leitura, os atos de construção de sentidos na leitura, sem impor sua condição ou a do autor. O que se quer alcançar com o círculo de leitura é a descoberta da condição de leitor e uma qualificação maior para a leitura, por conta mesmo da troca, do intercâmbio, da interação de vivências e histórias de leitura. (YUNES, 2009, pág. 82).

O que distingue essa experiência de outras práticas de leitura é a oportunidade de, a partir da disposição dos participantes em círculo, podermos a cada encontro corporificar

¹ O quantitativo e o perfil dos participantes mudam de acordo com os encontros, visto que semanalmente recebemos novos leitores, dentre eles, estudantes de Biblioteconomia, Informática, Letras, Pedagogia e Teatro.

a troca espontânea, divergente e/ou complementar de sentidos, memórias, repertórios de narrativas vivenciadas e escutadas por cada leitor envolvido pelo texto. Especialmente, é instigante observar o estudante-leitor-guia assumir cada vez mais a atitude de liberdade e de crítica diante do texto no qual imprime sua marca de sentidos e de tomada de consciência sobre o mundo que o norteia (FREIRE, 2001).

Os círculos de leitura, foco de nossas investigações, ocorrem de acordo com o calendário acadêmico semanalmente, durando cerca de uma hora e meia, na biblioteca central da universidade.

Além de desenvolvermos a leitura solidária nos círculos semanais, o projeto de extensão possui uma página virtual no Facebook², na qual são compartilhadas “gotas literárias”, com trechos de obras para apreciação dos leitores, bem como dicas, notícias e eventos que envolvam o mundo da leitura. Essas ações têm a intenção de estimular a formação de leitores e o contato com o universo da literatura.

É importante salientar que o círculo de leitura, coerente com a ideia de construção colaborativa de conhecimento, não comporta a transmissão de saber, ao partir da premissa de que, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2013, p. 47). O círculo se subdivide em dois momentos: (a) leitura oralizada dos textos literários pelo leitor-guia e (b) a partilha e interação dos sentidos, visando a participação democrática e ativa dos leitores-participantes. Nesse sentido, o texto estimula o diálogo, num percurso de cooperação e troca de experiências em que interpretações, devaneios e sensações evocam as memórias de leitura e o repertório de narrativas de todos que partilham dessa prática solidária.

Concomitantemente, essa prática leitora caminha na direção da inclusão. Não há julgamento das leituras expostas pelos participantes, a fim de invalidá-las. O leitor-guia não julga, provoca. O próprio debate instiga à reflexão e aprofundamentos na construção do tecido interpretativo que é registrado a partir da questão disparadora *Quando li / ouvi este texto senti...* Esta questão encontra-se em uma folha de registro que é distribuída para cada leitor após as leituras e as teias interpretativas construídas pelo grupo. Articulamos e analisamos os registros de cada leitor-participante com as nossas observações e as percepções e sentimentos compartilhados oralmente, produzindo um corpo de conhecimentos adensado sobre as diversas concepções e práticas de leitura decorrentes dos círculos (SOUZA, 2016).

² A página encontra-se disponível em: <https://www.facebook.com/lerecompartilhar/>

Destacamos a seguir alguns achados obtidos a partir da realização do círculo de leitura, utilizando os registros dos leitores-participantes como instrumento de coleta de dados. Nosso objetivo principal nessa etapa da investigação foi verificar como eles se sentiram como leitores ao compartilharem as leituras em grupo.

Vozes dos estudantes-leitores

Selecionamos uma amostragem contendo registros e análises de dois estudantes-leitores do Curso de Pedagogia, que compõem as pesquisas supracitadas e que revelam suas maneiras de ler e partilhar sentidos tecidos nos círculos de leitura literária. Esses círculos pautaram-se nos contos *As pérolas de Cadija*, de Joel Rufino dos Santos (2005), *O homem chamado Namarasotha*, de Eduardo Medeiros (1997) e *O peru de Natal*, de Mário de Andrade (1991).

O processo de seleção dos textos literários se dá com base na escolha de obras pequenas (poemas, contos, crônicas, etc.), que deem margem à reflexão e instiguem a partilha de interpretações. Simultaneamente, realizamos uma sondagem permanente sobre os gostos e preferências dos leitores-participantes, selecionando as obras a partir de seus interesses e gostos literários. Os círculos das leituras destacados ocorreram no segundo semestre de 2015. Esses contos foram selecionados pelo fato de focalizarem um aspecto da matriz cultural africana (desigualdade social), bem como da comemoração natalina (saudade dos entes queridos).

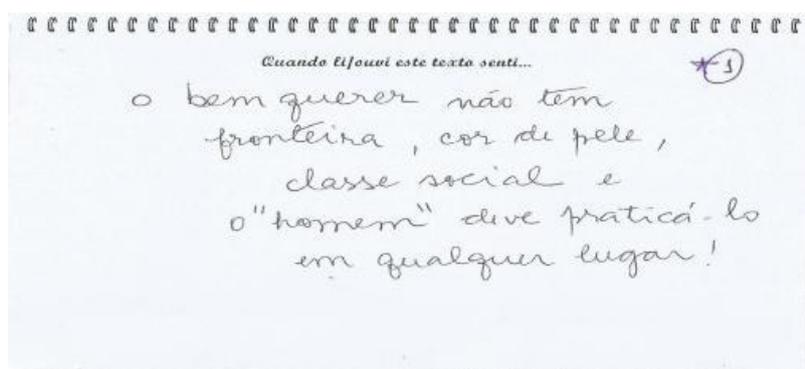


Figura 1- Registro do Leitor 1 (*As pérolas de Cadija*)
Fonte: Registro do Leitor 1 (*As pérolas de Cadija*)

Na figura acima, o leitor 1 baseou-se na questão social que é abordada pelo conto *As pérolas de Cadija* (SANTOS, 2005), ressaltando o valor de se bem querer independentemente

da raça, origem e poder aquisitivo, que considera um sentimento fundamental na constituição do ser humano.

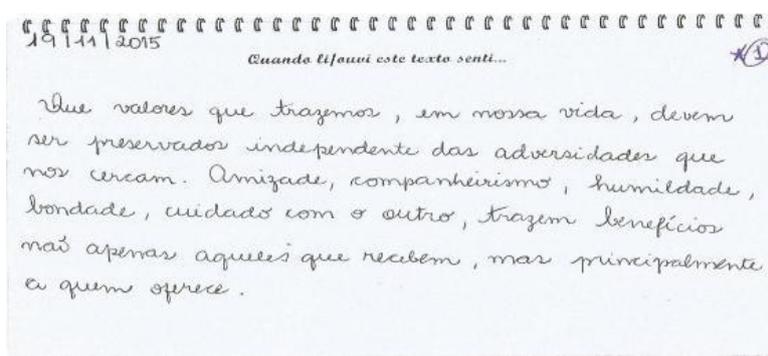


Figura 2 - Registro do Leitor 2 (As pérolas de Cadija)

Fonte: Registro do Leitor 2 (As pérolas de Cadija)

No registro anterior, o leitor 2 tratou das atitudes que ele considera indispensáveis nas relações humanas. Seu enfoque sugere que se plantarmos o bem, vamos colhê-lo, revelando uma moral da história.

De um modo geral, observamos nas narrativas orais dos círculos e nos registros que todos os leitores sentiram o contexto de desigualdade social, como também a atitude de má fé da madrasta de Cadija, temas presentes no conto. Diante disso, reforçaram que é preciso ter valores na vida, “fazendo o bem sem olhar a quem”. Para Kramer (2000, p. 108), a leitura compartilhada tem o potencial de provocar

[...] a ação de pensar e sentir criticamente as coisas da vida e da morte, os afetos e suas dificuldades, os medos, os sabores e dissabores; que permite conhecer questões relativas ao mundo social e às tantas e tão diversas lutas por justiça (ou o combate à injustiça). Ora, compreender a leitura desse modo, a partir desse olhar teórico, tem implícito o reconhecimento da importância de certos valores menosprezados na conjuntura atual e pela sociedade contemporânea: valores tais como generosidade, solidariedade e coletividade – enquanto se enfatiza o culto do indivíduo, de suas necessidades e de sua esperteza em passar a perna no outro, levar vantagem, obter lucros pessoais e ganhos de poder.

Logo, a literatura remete a alguns valores morais, sociais e éticos por vezes tão esquecidos em nossa sociedade. Viabiliza, assim, o resgate de tradições e saberes construídos por nossos antepassados, possibilitando a “mudança de olhar” e cooperando para uma consciência crítica e humanizada sobre a realidade que nos norteia.

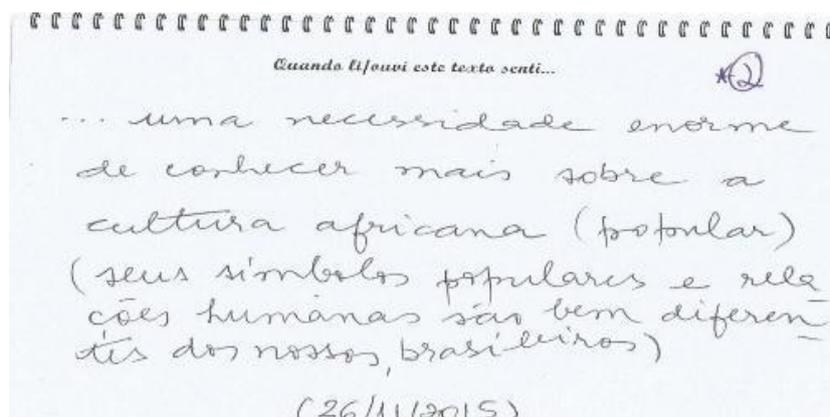


Figura 3 - Registro do Leitor 1 (O homem chamado Namarasotha)

Fonte: Registro do Leitor 1 (O homem chamado Namarasotha)

Na figura 3, a partir da leitura compartilhada, o leitor 1 ressaltou a importância de se conhecer mais a culturas de matrizes africanas. Sugere, assim, que possivelmente, até então, ele não tinha entrado em contato com esta realidade, descobrindo por meio da leitura do conto *O homem chamado Namarasotha* (MEDEIROS, 1997) que cada contexto cultural possui a sua própria história.

Em concordância com a Lei nº 10.639/2003³, que estabelece a inclusão da “história da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira”, ratificamos por meio do relato acima a importância de obras literárias com essa temática estarem presentes nos círculos que desenvolvemos. Nessa perspectiva, acreditamos que experiências de leitura compartilhada em círculo possibilitam uma desconstrução de valores e atitudes preconceituosas existentes na sociedade contemporânea e auxiliam na construção de identidades culturais plurais.

³ Esta lei encontra-se disponível em endereço eletrônico:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm

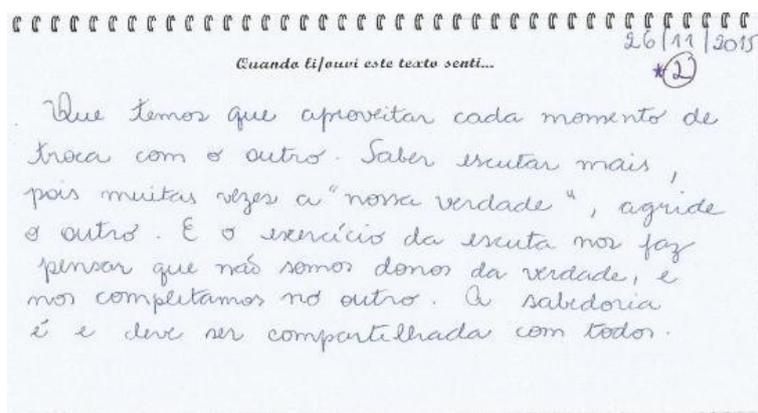


Figura 4 - Registro do Leitor 2 (O homem chamado Namarasotha)

Fonte: Registro do Leitor 2 (O homem chamado Namarasotha)

O leitor 2, no registro 4, valorizou os diferentes saberes, que podem ser partilhados com o outro, pois, em sua percepção, é assim que nos constituímos como humanos. Dessa forma, seu registro de sentidos sugere a importância de se reconhecer, a partir de uma escuta sensível, a alteridade e as diversas maneiras de se compreender o que nos cerca.

É importante ressaltar que, os registros apresentados revelam a precariedade do encontro desses estudantes-leitores com outras culturas, principalmente no meio acadêmico. Assim como não há uma única verdade, não há apenas uma cultura. A literatura abre os horizontes para o leitor conhecer os distintos saberes e valores herdados de diferentes matrizes culturais.

Um dos possíveis instrumentos promotores desse mergulho cultural é a leitura literária, que deve ser incluída como prática dos estudantes-leitores nos ambientes formativos. Nesse sentido, Lajolo (2000) enfatiza a necessidade da melhoria da qualidade da formação docente para uma atuação efetiva nos processos de formação de leitores.

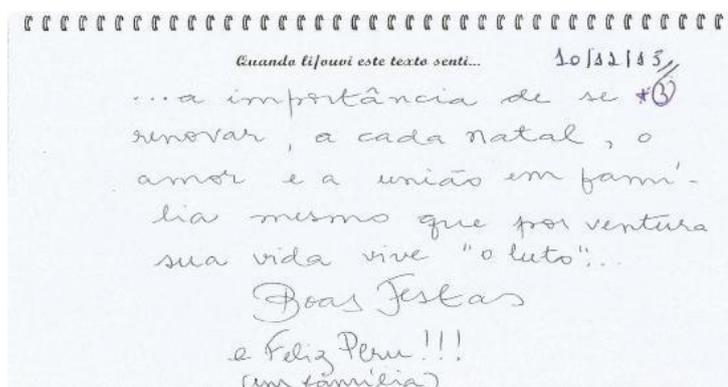


Figura 5 - Registro do Leitor 1 (O peru de Natal)

Fonte: Registro do Leitor 1 (O peru de Natal)

Em seu registro, o leitor 1 destaca o sentido de renovação advindo do conto *O peru de Natal* (ANDRADE, 1991), mas sugere também que essa celebração seja triste pela possibilidade de despertar sentimentos de perda e outras lembranças. Essa percepção do leitor 1 revela o potencial que a literatura possui de falar conosco pelo o que diz de cada um de nós.

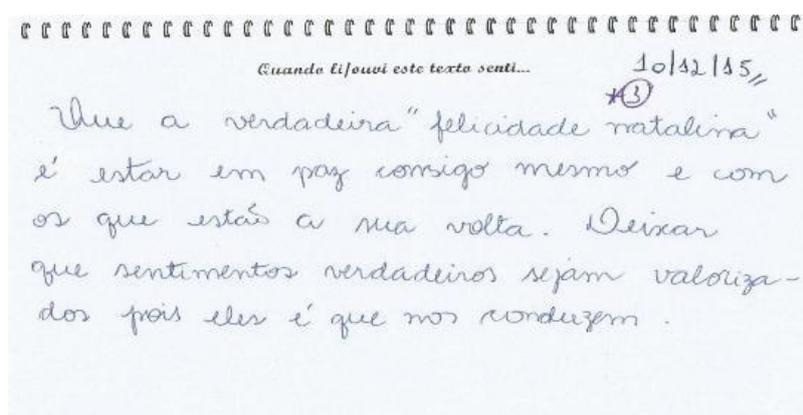


Figura 6 - Registro do Leitor 2 (*O peru de Natal*)

Fonte: Registro do Leitor 2 (*O peru de Natal*)

O leitor 2 descreveu em seu registro a “felicidade natalina” como repleta de significados e valores: a paz interior (consigo), a paz com o outro (relações sociais), a pureza dos sentimentos bons. Uma visão bem distinta da proposta pelo leitor 1, mostrando os múltiplos olhares presentes nas teias interpretativas advindas da leitura literária.

Constatamos, mais uma vez, que os valores humanos estavam presentes nos sentidos atribuídos pelos estudantes-leitores. Esses valores, revelados em diversos círculos de leitura estimularam a construção de uma relação afetiva entre os participantes, fortalecendo a constituição de uma comunidade de leitores.

Podemos, então, dizer que a leitura se aprende no convívio com a cultura socializada, mas também com a visão singularizada que vamos formando de nós e do mundo. Mas é inegável que o gosto pela leitura compartilhada fortalece o aprendizado do potencial leitor. Lendo sozinhos parecemos mais bloqueados do que lendo em grupo, quando uma ideia puxa a outra e estas vão criando uma teia de trocas muito original. Saímos todos mais “inteligentes e inteligíveis”. (YUNES, 2009, p. 84).

Considerações finais

É incontestável que os círculos de leitura literária realizados nos ambientes universitários têm o potencial de gerar inúmeros benefícios para a formação do futuro professor e a construção de sua cidadania. Em nossas pesquisas observamos que por meio dessas práticas, os leitores-participantes se reconhecem enquanto sujeitos singulares imersos em uma cultura plural. Além disso, passam a enxergar o outro, valorizando-o e criando laços afetivos e colaborativos. Sobretudo, ganham a voz e o espaço que não tem e/ou tinham em outros contextos, narrando suas leituras de mundo, indo para além da mera decodificação e desconstruindo a ideia de interpretação da verdade absoluta, por intermédio da partilha solidária de sentidos.

O círculo de leitura, por fim, põe em movimento a consciência crítica que predispõe à cidadania. Depois que se aprende a pensar e a dizer o que se pensa, o próximo passo é agir, participar, inscrever-se na história ou escrever a história. (YUNES, 2009, p. 85)

Nas investigações, em andamento, observamos que a forma pela qual o estudante de Pedagogia compreende o processo de leitura tende a fundamentar e orientar as rotinas e encaminhamentos que ele opta por realizar quando se vê diante da tarefa de dinamizar e acompanhar como professor a leitura nos ambientes educativos em que atua.

Ademais, as análises dos registros *Quando li/ouvi este texto senti...* desenvolvidas com os estudantes ampliaram a compreensão sobre os diversos caminhos de formação de sujeitos-leitores, bem como o efeito dessas experiências nas maneiras como estes interpretam, concebem e interagem nos contextos locais onde transitam.

As diferentes variáveis que intervêm na construção da faceta leitora, encontradas nesses estudantes-leitores contribuíram para a consolidação da tese de que a universidade e os cursos de formação de professores devem assumir e instituir novos processos educativos baseados em práticas leitoras que redimensionem a tríade leitor-leitura-literatura, com vistas a fomentar uma ação humana consciente, crítica e ativa sobre a realidade.

[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. (FREIRE, 2013, p. 42)

Defendemos que, para a promoção da emancipação de nossos estudantes é preciso oferecer ambientes educacionais calcados na realidade vivida, rompendo com a transmissão do conhecimento científico acrítico, linear e compartimentalizado, e, em contrapartida, instaurar estratégias de formação para o exercício da cidadania ativa. O círculo de leitura literária constitui uma desses caminhos potencializadores de mudanças efetivas tanto nos ambientes educativos, um instrumento fecundo para formar cidadãos leitores do mundo e da palavra.

Referências

ANDRADE, Mário de. O peru de Natal. In: _____. *Contos Novos*. 14 ed. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras Reunidas LTDA, 1991.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra e Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Centauro, 2001.
_____. *A importância do ato de ler – em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 46ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência – notas sobre seu papel na formação. In: ZACCUR, Edwiges (org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LAJOLO, Marisa. A Leitura Literária na escola. In: _____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6ed. São Paulo: Ática, 2000.

MEDEIROS, Eduardo (org.). O homem chamado Namarasotha. In: _____. *Contos populares moçambicanos*. Maputo: Ndjira, 1997.

SANTOS, Joel Rufino dos. As pérolas de Cadija. In: _____. *Gosto de África: histórias de lá e daqui*. 3ed. São Paulo: Global, 2005.

SOUZA, Bianca Dias de. *O papel da leitura literária na formação do estudante de Pedagogia*. 2016. 49 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

YUNES, Eliana; VERSIANI, Daniela Beccaccia; CARVALHO, Gilda. *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. Práticas leitoras. In: _____. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymar, 2009.

Submetido em 29-03-2017

Aprovado em 28-11-2018

Modificado em 25-05-2019

Licença Creative Commons – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)